



I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões Religiões e Espiritualidades, Culturas e Identidades

Anais

Coordenação de:

Paulo Mendes Pinto

Carlos Calvacanti

Sérgio Junqueira

Eulálio Figueira

Volume XXIX

Espiritualidade(s), Saúde e Cultura

Coordenação

Mary Rute Gomes Esperandio (PUC-PR)

Flávio Senra (PUC-MG)

Anete Roesse (PUC-MG)

**I Congresso
Lusófono
de Ciência das**
religiões


UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

**DEPARTAMENTO
DE CIÊNCIA
DAS RELIGIÕES**

RELIGIÕES E ESPIRITUALIDADES
CULTURA E IDENTIDADES

Edições Universitárias Lusófonas

I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões
Religiões e Espiritualidades – Culturas e Identidades
LISBOA | 9 a 13 de maio de 2015

Organização:

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Em parceria com:

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Universidade do Estado do Pará

Universidade Federal de Juiz de Fora

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Grupo Coordenador da Comissão Organizadora:

Paulo Mendes Pinto (ULHT), Carlos André Cavalcanti (Un. Fed. Paraíba), Emerson Silveira (Un. Fed. de Juiz de Fora), Eulálio Figueira (PUC-SP), Flávio Senra Ribeiro (PUC Minas), Manuel Ribeiro de Moraes Júnior (Un. do Est. do Pará) e Sérgio Rogério Azevedo Junqueira (PUC-PR)

Restante Comissão Organizadora:

Alfredo Teixeira (Un. Católica Portuguesa), Celeste Quintino – (ISCSP – U. de Lisboa), Deyve Redyson (Un. Fed. Paraíba), Douglas Rodrigues da Conceição (Un. do Est. do Pará), Edin Sued Abumanssur (PUC-SP), Edite Maria Fracaro Rodrigues (PUC-PR), Henrique Pinto (ULHT), Lidice Meyer Pinto Ribeiro (UP Mackenzie), Marina Pignatelli – (ISCSP – U. de Lisboa), Nuno Simões Rodrigues (FL-UL), Roberlei Panasiewicz (PUC Minas) e Sylvana Brandão (Un. Fed. de Pernambuco/ Un. Cat. Pernambuco)

Índice

04 *Mary Rute Gomes Esperandio, Flávio Senra e Anete Roese, Espiritualidade(s), Saúde e Cultura*

05 *Mariluce Emerim de Melo August, Pessoas Adultas não Casadas e Práticas Teológicas Contemporâneas de Reorientação da Vida Analisadas sob o Texto Bíblico de Jó*

19 *Hartmut August e Mary Rute Gomes Esperandio, Depois do Adeus – Maneiras de Tratar Pessoas que Enviúvam ou Divorciam, a Partir da Teoria do Apego*

Espiritualidade(s), Saúde e Cultura

Coordenadores:

Mary Rute Gomes Esperandio (PUC-PR)

Flávio Senra (PUC-MG)

Anete Roesse (PUC-MG)

O simpósio acolheu trabalhos com as seguintes ênfases:

1) impactos da cultura contemporânea sobre as práticas religiosas/espirituais, em especial a análise de fenômenos que promovam releituras contextualizadas dos estudos já consagrados relativos ao tema;

2) espiritualidades não-religiosas, particularmente as que apresentam discursos pretensamente religiosos, mas não manifestam liames constituídos com instituições, crenças específicas ou vinculação a uma tradição religiosa peculiar;

3) relação entre espiritualidade e saúde, em especial os estudos que analisam crenças e comportamentos religiosos/espirituais e suas implicações em contextos de saúde e cuidado;

4) as raízes históricas da produção das ideias religiosas/espirituais e sua relação com a cultura brasileira.

PESSOAS ADULTAS NÃO CASADAS E PRÁTICAS TEOLÓGICAS CONTEMPORÂNEAS DE CURA E REORIENTAÇÃO DA VIDA ANALISADAS SOB O TEXTO BÍBLICO DE JÓ

Mariluce Emerim de Melo August ¹ (PUCPR)

Resumo

O livro bíblico de Jó retrata um modo de enfrentamento e reorientação da vida face às grandes tragédias sofridas pelo personagem, cujo cuidado espiritual e aconselhamento, recebidos de seus amigos, lembram práticas atuais em alguns contextos protestantes brasileiros. O presente trabalho analisa estas questões com base em dados de pesquisa de campo sobre a realidade das pessoas adultas não casadas no meio cristão protestante da área de convívio da pesquisadora em seu trabalho voluntário. A partir do enfrentamento do personagem Jó, nas várias etapas de seu luto, pretendeu-se compreender as pessoas adultas não casadas frente às suas perdas e questionar práticas religiosas atuais de cuidado espiritual e aconselhamento para lidar com a saúde emocional decorrente de grandes perdas na vida.

Palavras-chave: Pessoas adultas não casadas; Cuidado Espiritual; Saúde emocional; Livro de Jó.

Abstract

The biblical book of Job portrays a way of coping and reorientation of life in the face of great tragedies suffered by the character, whose spiritual care and received advice of his friends, remind current practices in some Brazilian Protestant contexts. This paper examines these issues based on field research data on the reality of adult unmarried Protestant Christian through the researcher's living area in your volunteer work. From the Job character of the confrontation, at various stages of their grief, we sought to understand the unmarried adult front of their losses and question current religious practice of spiritual care and counseling to deal with the emotional health caused by large losses in lifetime.

Keywords: Unmarried adults; Spiritual care; Emotional health; Book of Job.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Linha de pesquisa: Teologia e Sociedade. (marilucearq@gmail.com).

Introdução

São frequentes na atualidade publicações e palestras com títulos: Porque o cristão sofre? É legítimo o sofrimento do Cristão? Um exemplo de sofrimento é a dor, nem sempre legitimada, de um público que cresce de forma significativa em países capitalistas de tradição cristã, as pessoas adultas não casadas. Elas são 20% da população brasileira, considerando-se as que não vivem maritalmente com alguém (IBGE 2000).

Em comunidades de fé, geralmente só existem trabalhos para as situações consideradas “normais”, que são os grupos de casais, de jovens, de adolescentes, de crianças, de idosos e grupos familiares com família completa (pai, mãe e filhos). A demanda de grupos especiais como de pessoas adultas solteiras, viúvas e divorciadas, filhos sem um dos pais (famílias monoparentais) e outras situações, tem sido recente nas igrejas que muitas vezes não estão preparadas para elas. E a perceptível ausência de cuidado e trabalhos para as pessoas “diferentes”, contribui para que se sintam excluídas, e até mesmo diminuídas, provocando sentimentos de rejeição e baixa autoestima, causando ou ampliando as proporções de sofrimentos inegavelmente legítimos. E Collins (2004, p. 434), psicólogo clínico, em seu trabalho de aconselhamento cristão, detectou algumas áreas causadoras de sofrimento entre as pessoas solteiras: solidão, autoestima, identidade e orientação na vida, sexualidade, instabilidade emocional, irritação, raiva, medo e outros.

É a partir de percepções desta natureza, que surgiu no meio evangélico protestante, por volta de 1985, no sul do Brasil, um trabalho voluntário especial para as pessoas adultas não casadas², e, dessa experiência, algumas pesquisas com esse público vêm sendo realizadas. Essas pesquisas comprovam a necessidade do cuidado espiritual para a saúde emocional das pessoas que sofrem com suas perdas na área da conjugalidade.

Sabe-se que a própria natureza oferta o recurso do luto aos que, de outra forma não teriam como superar suas perdas, e que um luto mal elaborado e não reorientado leva muitas pessoas à depressão, com consequências mais sérias, como desprezo pela vida

² “Jovens Adultos” - Ministério Cristão interdenominacional para pessoas não casadas, solteiras, viúvas ou divorciadas com idade a partir de 25 anos (www.jovensadultos.org) que surgiu através de pessoas ligadas à MEUC – Missão Evangélica União Cristã em São Bento do Sul-SC.

e até suicídio (Paraízo, 2009, p. 41). Ao analisar-se o personagem bíblico Jó, que viveu um grande sofrimento por causa de perdas significativas, percebe-se que passou por várias etapas em seu processo de luto. E em cada etapa foi recebendo formas questionáveis de aconselhamento e cuidado pastoral de seus amigos, de acordo com as práticas teológico/ pastorais de sua época.

Nesse sentido, Rossi (2008, p. 14), com base na experiência de Jó, mostra como a teologia (ou um tipo de teologia) pode ser relacionada facilmente a um tipo de recompensa, e é costumeiramente denominada teologia da retribuição. Nessa teologia, “os ricos são ricos [...] porque eles são justos, enquanto os pobres são pobres [...] porque eles não confiam na justiça de Deus, ou ainda pior, porque eles são pecadores”.

A teologia da retribuição, em sua essência hoje, segundo Esperandio (2013, p. 15), “veste-se de uma nova roupagem: a chamada Teologia da Prosperidade.” E, de certa forma, tem influenciado as práticas religiosas de aconselhamento pastoral. Na prática, quando as pessoas buscam ajuda, recebem um veredito de culpa própria por sua condição, que pode ser por pecado ou falta de fé, provocando mais prisão de sofrimento do que cura libertadora. E assim é o cuidado pastoral em muitas comunidades de fé na atualidade.

Portanto, é necessário, para uma comunidade de fé que deseja ser relevante, compreender o sofrimento das pessoas e ajudá-las a reorientarem-se, em busca de seu valor, num caminho de amor, como Jesus, a referência dos cristãos, fez pela humanidade.

Este trabalho trata, no primeiro tópico, do reconhecimento de um grupo de pessoas que passam por determinados tipos de sofrimento, nem sempre legitimados, as pessoas adultas não casadas. O segundo tópico reconhece o autêntico luto do personagem Jó em diversas fases, onde recebeu cuidados pastorais questionáveis, mas que refletem as práticas teológicas da época. E o terceiro trabalha a necessidade de revisão de práticas teológicas atuais de cuidado e aconselhamento pastoral nas igrejas cristãs para que haja cura emocional e reorientação da vida.

Enfim, caminhar pela história dramática de Jó, estudando seus questionamentos e práticas pastorais da época, ajuda a compreender os fatores que influenciam uma reorientação saudável da vida e da fé, proporcionando esperança para as pessoas que sofrem no contexto cristão.

A pessoa adulta sem cônjuge

Uma solteira com 35 anos de idade, em minha comunidade, não queria mais comemorar aniversário porque isto lembrava que mais um ano passava e ela continuava solteira e com sua conjugalidade “não resolvida”. Algumas pessoas solteiras sofrem com lembranças tristes de experiências de relacionamentos que não levaram ao casamento. Constantemente se perguntam: Qual é o meu problema, o que falta em mim?

Esses sintomas também se aplicam às pessoas divorciadas e viúvas. As pessoas viúvas, além de passarem pelo triste processo de elaborar o seu luto, se sentem como se os casais as considerem como ameaça, e, aos poucos, cortam relações com elas, pois são pessoas disponíveis que podem colocar em risco os casamentos de outros. Muitas pessoas divorciadas são consideradas incompetentes por não preservar sua família! Normalmente uma pessoa permanece na igreja e a outra se afasta para viver sua nova escolha.

August H. (2013, p. 46) cita a queixa de uma mulher solteira que percebe que “a igreja não demonstra interesse nessa faixa de pessoas”. Ela acha que são consideradas pessoas excluídas por apresentar ‘ameaça’ aos bem casados! “Um homem que havia se divorciado há pouco tempo teve dificuldade em manter a amizade com seus amigos casados, pois as esposas passaram a temer que ele iria levar os amigos para “o mau caminho”.

Segundo a pesquisa de August M. (2013, p. 150), “pessoas solteiras adultas tem percebido sentimentos de inferioridade, de não aceitação e desmotivação em várias áreas de suas vidas.” Muitas se sentem isoladas em suas próprias igrejas, por não perceberem o cuidado de um trabalho voltado a elas. Precisam dar conta, sozinhas, de si mesmas e de seus dilemas sentimentais. E, enfatiza Collins (2004, p. 428): “Afligidos pela solidão, insegurança, baixa autoestima e, às vezes, rejeição, muitas

pessoas solteiras estão sempre sendo lembradas de que estão em descompasso com o resto da sociedade.”

A escritora Lya Luft (2010, p. 26), colunista da Revista VEJA em seu artigo: Separação, o drama de todos, afirmou: “a realidade da vida, numa sociedade em que as separações se banalizaram como se as emoções humanas tivessem deixado de vigorar, me ensinou que toda separação abre em pais e filhos, feridas que podem não se fechar nunca mais, e que não precisaria ser assim.” Para Lya, se a separação dos pais pode resultar em crescimento e multiplicação de afetos com boas lições de vida, pode também causar desagregação, infelicidade e muita solidão. E assim, é percebido também pelos meios de comunicação, essas espécies de sofrimentos.

Numa pesquisa de opinião de 2009³, obteve-se algumas respostas esclarecedoras, quando pediu-se que escrevessem uma frase definindo o atual estágio de suas vidas:

Estou num deserto; Tenho passado por momentos difíceis em minha vida no sentido de conhecer e reconhecer falhas e erros em mim. Sofro muito e me culpo constantemente; Interditada e em obras para grandes e profundas mudanças; Me sinto muito só e deveria pedir perdão a Deus pois não deveríamos por termos a Jesus, mas na verdade sinto uma grande solidão; Parece que minha oportunidade de vida já passou. Não sou mais considerada alguém de valor a não ser por pessoas na mesma condição; É complicado lidar muitos anos com a solidão; com o preconceito das pessoas e com a pressão por estar só (AUGUST e AUGUST, 2009).

Essas respostas demonstram necessidade de cuidado psicológico e espiritual por revelarem sentimentos diminuidores da vida, como culpa, tristeza, isolamento, desesperança e baixa autoestima. E muitas igrejas não percebem a relevância do cuidado a essas pessoas, ou quando percebem, às vezes emitem julgamentos pejorativos. Collins (2004, p. 439) afirma haver algo de errado com igrejas que consideram pessoas solteiras como desajustadas. Que não tem lugar para elas em suas

³ Pesquisa de Opinião realizada em 2009 para a monografia do curso de pós-graduação da Faculdade Fidelis. Foi encaminhada via e-mail para 297 jovens adultos que fazem parte de um cadastro de pessoas que já participaram de algum evento promovido pelo Ministério Jovens Adultos nos Estados brasileiros de Santa Catarina e Paraná.

atividades e não tem programas para atendê-las e que não mostra compreensão e nem desejo de compreender suas dificuldades.

Amador e Kiersky (2003, p. 42) concordam que sempre que as pessoas solteiras tomam consciência das mensagens negativas pelo fato de estarem solteiras, são contaminadas pelas ideias preconceituosas. Segundo eles, esse estigma “está tão inextricavelmente misturado ao tecido de nossa cultura, que os solteiros sofrem discriminações sistemáticas, e, apesar disso, são poucos os que reclamam”.

Para August M. (2013, p. 102), as percepções de demérito, reprovação, animosidade, ridicularização, entre outras, causam sentimentos nocivos na pessoa solteira. E, portanto, se deveria ter mais critério com aquilo que se fala a elas. Na verdade, muitos comentários revelam, nas pessoas que os recebem, aspectos negativos ocultos ou pressupostos, sobre si mesmas. Quando se tenta ajudar uma pessoa a encontrar alguém para se casar, sem ter sido solicitado para isso, está se pressupondo que a pessoa não tem competência ou disposição para fazê-lo por si mesma. Também existe a percepção, pelas pessoas solteiras, de que são consideradas “fracassadas” no contexto sociocultural quando, como afirmou uma mulher de 45 anos, “os casados nos olham diferente e não nos convidam para suas reuniões e festas”. (AUGUST M., 2013, p. 110).

Portanto, é necessário que as igrejas revejam o fazer teológico de modo que possam incluir as pessoas diferentes. Nesse sentido, reconhecer o personagem Jó, que refutou a teologia de sua época, ajuda na busca de uma teologia inclusiva no seu modo de fazer o cuidado espiritual das pessoas que buscam estar nas igrejas.

As perdas de Jó e seu sofrimento

Muitas pessoas adultas não casadas sofrem por percepções de perdas pelo fato de não serem casadas, como: sonhos, projetos, convivência diária com os filhos no caso de separação, luto, convivência natural com casais, bens que são divididos/ perdidos, saúde (por depressão), entre outras.

Nesse sentido, vale buscar compreender um personagem bíblico que sofreu com grandes perdas. Jó era o homem mais rico do oriente, possuindo muitos bois, camelos, jumentos, filhos e empregados. Mas, o mal vem sobre Jó e, num mesmo dia, ele perde

todos os seus bens. Alguns são queimados por fogo do céu, outros roubados ou mortos por tribos vizinhas, e seus 10 filhos são mortos com o desabamento de uma casa. Em seguida, Jó perde sua saúde, sendo afligido com feridas terríveis em todo o corpo (Jó, 1 e 2). Inicia assim, um processo de luto em sua vida.

Collins (2004, p. 407) afirma que o luto é uma reação natural à perda de pessoas, objetos ou oportunidades importantes. “É uma sensação de privação e ansiedade que se pode manifestar através do comportamento, das emoções, dos pensamentos, da fisiologia, do modo como nos relacionamos com os outros e até de nossa espiritualidade”. Segundo ele, perdas diversas como um divórcio, podem provocar esse tipo de sofrimento. E que, “embora o luto seja um fenômeno que entristece pessoas há séculos, estudos cuidadosos sobre o processo da perda são relativamente recentes. Em 1917, por exemplo, Freud publicou um dos mais minuciosos estudos sobre o luto.”

Para Collins (2004, p. 407), o desenvolvimento de um novo campo de estudos e de toda uma literatura sobre a tanatologia, o ramo do conhecimento que estuda a morte e o sentimento de perda que ela provoca, foi influenciado pelo livro *On Death and Dying* (Sobre a Morte e o Morrer), da psiquiatra Elizabeth Kübler-Ross (1981). Ele afirma que é útil conhecer os efeitos mais comuns do luto, embora alguns autores e conselheiros não concordem com as tentativas de classificação de estágios específicos desses processos. Os cinco estágios básicos do luto (a negação, a raiva, a barganha, a depressão e a aceitação) foram observados por Kübler-Ross. Sendo que, no presente estudo, o sofrimento de Jó e suas reações foram observados em evidências de passagem por alguns desses estágios.

Assim, face ao choque inicial, Jó tem uma reação apática sobre a proporção de suas perdas. Após saber da perda de seus bens, empregados e filhos, ele “prostrou-se, rosto em terra, em adoração, e disse: Saí nu do ventre da minha mãe, e nu partirei. O Senhor o deu, o Senhor o levou; louvado seja o nome do Senhor.” (Jó 1. 20-22).

Pouco tempo depois, após perder sua saúde, afligido com feridas terríveis em todo o corpo, ele responde de maneira semelhante à sua esposa que o aconselhou a amaldiçoar a Deus e morrer: “Você fala como uma insensata. Aceitaremos o bem dado por Deus, e não o mal?” (Jó 2.7-10). E Jó nega a gravidade do que está

acontecendo com ele. Segundo Klüber-Ross (1981, p. 50), a negação funciona como um ‘para-choque’ depois de notícias inesperadas e chocantes, deixando que o paciente se recupere com o tempo, mobilizando outras medidas menos radicais. “É uma defesa temporária.”

Mais adiante, recebe a visita de seus amigos e ouve o pranto deles durante sete dias e sete noites. Acende-se sobre Jó a cólera. Ele questiona duramente a razão de ter nascido e vê vantagens na sua morte, em todos os 26 versículos do capítulo 3. A presença e o choro de seus amigos por sete dias o despertaram para a sua trágica condição.

Então recebe, “como consolo”, palavras impiedosas e acusadoras de seus amigos, que se colocam em defesa de Deus e da teologia do momento. O discurso do amigo Elifaz, por exemplo, mostra impaciência e incompreensão com o luto de Jó: “Você ensinou a tantos; fortaleceu mãos fracas. Suas palavras davam firmeza aos que tropeçavam; você fortaleceu joelhos vacilantes. Mas agora que se vê em dificuldade, você desanima; quando você é atingido, fica prostrado” (Jó 4. 4-5). Ele fala emitindo juízo, em hora imprópria, num momento onde a intensidade da dor não permite reflexões saudáveis.

Conselhos semelhantes são comumente usados na atualidade, quando se consola, por exemplo, uma mulher que subitamente se vê abandonada pelo marido com o qual viveu 20 anos de sua vida. Parentes ou amigos próximos dizem ou comentam que já previam que isto um dia aconteceria por não concordarem com uma ou outra atitude sua, como se essas palavras fizessem algum bem no momento do choque da perda. São usadas palavras de acusação e não de consolo. Ainda dizem que tem que suportar, do contrário sua fé é questionável e ela se torna culpada também por isso.

Segundo Rossi (2008, p. 93) a posição teológica que censura a vítima é mais fácil e simples. “Isso faz com que todos se sintam melhor, à exceção da vítima, que passa a sofrer em dobro.”

Algumas práticas religiosas atuais realmente agem questionando a fé do sofredor. Nesse sentido, uma mulher de nosso convívio foi questionada pela sua igreja sobre a sua fidelidade a Deus quando passou por um processo de câncer. Ela ficou tão

atormentada que passou a sofrer mais com a possibilidade de estar não agradando a Deus, do que com a gravidade da doença em si.

Em seu longo discurso de 27 versículos, Elifaz utiliza palavras de acusação. Nas entrelinhas ele sugere que Jó não tem fé ou moral suficiente. Sugere que Jó não é humilde. E não acontece diferente com muitos dos consoladores da atualidade quando se manifestam com expressões pré-fabricadas e versículos bíblicos fora de contexto, que só aumentam o sentimento de culpa e de dor.

Segundo Rossi (2008, p. 14), a experiência de Jó proclama desde o seu início que não há relação alguma entre pecado e sofrimento e entre virtude e recompensa, e concorda que no ambiente eclesial de colorido pós-moderno, uma das possíveis expressões da teologia da retribuição é a denominada “teologia da prosperidade”. E, segundo ele, “esta teologia declara de forma absoluta que o plano de Deus para a vida do ser humano é fazê-lo feliz, abençoado, saudável, próspero, ou melhor, uma pessoa de sucesso”.

Em algumas comunidades cristãs protestantes este padrão de consolo é utilizado quando pessoas perdem seus cônjuges por morte ou abandono, sonhos de casamento, ou tem projetos existenciais frustrados. É comum se ouvir: “Deus tem algo melhor para você ou, não era da vontade de Deus”. Essas palavras podem comunicar incapacidade ou incompetência do sofredor em saber simplesmente o que é melhor para si, ou mais grave ainda, julgam a autenticidade da fé. As pessoas, na fase depressiva de seu luto por perdas, são golpeadas pelas comunicações indiretas que são defendidas por teologias como a da prosperidade.

Para Rossi (2008, p. 104), em contraste com a experiência de Jó, “que após perder tudo o que possuía, caiu ao chão e adorou a Deus – os discípulos da teologia da prosperidade concluem que, quando se perde a saúde e riqueza, isto significa que algum pecado, ainda não identificado foi cometido.” Os amigos de Jó têm, portanto, “discursos típicos de certas práticas consoladoras atuais”, afirma Rossi (2008, p. 61).

A partir do capítulo 6, Jó entra simultaneamente nas etapas da depressão e negociação. Ele considera que não poderá suportar tudo o que lhe sobreveio, e tenta

convencer a Deus e a seus conselheiros de que sabe o que é melhor para ele. Em meio à sua dor, se justifica para sobreviver.

Jó começa a reconhecer as limitações da teologia da época: “Haverá poder que me ajude, agora que os meus recursos se foram?” (Jó 6.13). Mais à frente ele diz: “Reconsiderem a questão, não sejam injustos; tornem a analisá-la, pois a minha integridade está em jogo” (Jó 6.30). Qual era ainda o desespero de Jó? Aquilo que não poderia aparentar mais, sob a expectativa da sociedade.

De acordo com Esperandio (2013, p. 10), os amigos de Jó insistem no ponto da retribuição divina. “E, sentados ao lado de seu amigo em sofrimento, apresentam suas propostas de enfrentamento religioso/ espiritual”, que demonstram algumas crenças. Eles creem que, “se a desgraça havia se abatido sobre o amigo, alguma razão certamente havia, pois, do contrário, Deus não estaria sendo justo – e o atributo divino da justiça retributiva era um dado inquestionável” (Jó 4: 7-8 e Jó 22: 4-5).

A segunda crença, apontada por Esperandio (2013, p.11), é a de que “Deus impinge sofrimento como forma de nos ensinar” e que, portanto, deve-se aceitar a dor como sendo a vontade de Deus (Jó 15.17). Mas Jó argumenta que “não pode compreender como sendo pedagógica a ação de Deus, haja vista que não havia o que ser repreendido nele”.

A terceira crença baseada em Jó 11:13-15, Esperandio (2013, p. 12, grifo da autora) define como: “A felicidade/ prosperidade é o único resultado possível e esperado para os limpos de coração! Portanto: *Se você confessar os erros e colocar em ordem o coração, você será sempre feliz e bem sucedido!*”. Mas, segundo a autora, “Jó questiona as verdades teológicas instituídas, representadas e defendidas pelos seus amigos.” Pois, para ele, isso não fazia sentido.

De acordo com Rossi (2008, p. 54), os discursos dos amigos pretendem encerrar Jó no círculo vicioso da teologia da retribuição. “Eles oferecem todas as soluções típicas. Cada uma das frases-clichê que lemos em estereótipos clericais ou livros devocionais encontra-se aqui.”

Em sua crítica à teologia da retribuição, Esperandio (2013, p. 14) afirma que, “faz sentido pensar que a causa do sucesso ou desgraça depende em muito de nossas próprias escolhas, pois, de fato, nossas escolhas podem nos trazer prazeres e/ou dores”. Mas ela concorda que existe também “o inusitado da vida, eventos que nos acontecem independentemente de nossas ações, assim como há, também, outras dificuldades estruturais (políticas, econômicas, culturais, familiares, etc.) anteriores a nós e às nossas escolhas”. Seria, portanto, segundo ela, “um modo, no mínimo, simplista de pensar o funcionamento do mundo com base nesta lógica retributiva”.

Nesse sentido, Jó, ao longo do processo de luto, tem sua fé sendo restaurada. “Eu sei que o meu Redentor vive, e que no fim se levantará sobre a terra” (Jó 19.25). Neste processo de luto acontecem reflexão e debate que vem revolucionar a teologia praticada na época.

Teologia para o cuidado espiritual e reorientação da vida

A partir do capítulo sete, Jó resolve não se calar: “na aflição do meu espírito desabafarei, na amargura da minha alma farei as minhas queixas.” (Jó 7.11). E, nos capítulos seguintes, há uma continuação de discursos dos amigos refutando sempre as palavras ora desesperadas, ora deprimidas, ora cheias de ira, ora fatalistas e ora apelando por perdão, num misto de humildade e autossuficiência.

Em muitos versículos Jó, não tendo mais nada a perder, resolve argumentar com Deus: “Mas desejo falar ao Todo-poderoso e defender a minha causa diante de Deus.” (Jó 13.3). A partir daí, ele entra num estágio que o levará para a aceitação e reorientação de sua vida.

Jó afirma que manteve sua integridade e justiça social. Então fica claro para ele que não deve ter sido por isso que ele chegou à falência. Neste contexto, quando Jó demonstra condições de rever suas doutrinas, o Senhor lhe responde do meio da tempestade, questionando sua falácia, e o ajuda a orientar seus pensamentos. Deus lembra a Jó de suas limitações e finitude proclamando a grandeza e os mistérios da criação nos capítulos 38 e 39.

Depois que Jó faz o balanço de suas perdas - uma técnica muito utilizada em terapias e aconselhamentos pastorais de hoje - como um terapeuta, Deus o ajuda a perceber o que sobra. Assim, consegue tomar atitudes que vão reorientar sua vida. Ele responde a Deus: “Sei que podes fazer todas as coisas; nenhum dos teus planos pode ser frustrado” (Jó 42.2). E conclui: “Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram” (Jó 42.5).

Esperandio (2013, p. 6) afirma que, se as teologias expressam crenças que são construídas num determinado tempo na história, isso implica que essas crenças compõem discursos de verdade que são assumidos por grupos religiosos, por instituições e por indivíduos em suas vidas particulares. “Tais discursos de verdades teológicas estão na base de certos comportamentos e moldam determinados estilos de viver, de pensar, de sentir, de agir, de se relacionar, de colocar sentido nos acontecimentos.” Sem dúvida, os discursos teológicos de qualquer época devem ser revistos quando se busca uma teologia inclusiva e relevante.

Jó abre mão da teologia de sua época e assimila, através de sua dor e seu esforço no processo do luto, verdades que mudam sua sofrida condição. Sua saúde e prosperidade foram restauradas e constituiu uma nova família. E, o epílogo do livro de Jó, relata que Deus repreendeu as atitudes dos amigos por falarem o que não era certo.

Como bem explica Esperandio (2013, p. 13), os ensinamentos teológicos correntes não lhe servem de ajuda para lidar com aquela experiência de dor e sofrimento. “Assim, de dentro do sofrimento vivido na carne, Jó chega a algo que lhe ajuda a enfrentar e sobreviver à dor: a fé em Deus, expressa em culto e adoração, a despeito da falta de sentido.”

Desta forma, quando em nome de Deus, se ama e aceita o semelhante em sua condição e se estende a mão em solidariedade e amor, colabora-se para que a própria pessoa em seu processo de luto consiga reorientação de vida. No entender de Rossi (2008, p. 77), a teologia dos amigos de Jó não é capaz de romper com seus limites dogmáticos e caminhar em direção daquele que sofre. “Mas, para que serve a teologia se ela negar ao ser humano o braço estendido da compaixão?”

De acordo com Paráizo (2009, p. 60), no balanço da vida computam-se ganhos e perdas. “No ponderar da vida não podemos deixar de considerar sua finitude e falibilidade. Se os momentos eufóricos de glória passam, os momentos procelosos também são passageiros. A maioria de nós não sabe lidar com este ciclo de vitórias e derrotas.”

Rossi (2008, p. 52) lembra que as adversidades ocorrem, e não é possível exorcizar o sofrimento da existência humana, sob o risco de se deixar de ser humano. “E, por causa disso, devemos estar atentos às teologias que ainda surgem no cotidiano das igrejas.”

Enfim, se o sofrimento faz parte da humanidade enquanto finita é necessário dar atenção às teologias atuais em sua forma de lidar com esse sofrimento, para que elas sejam relevantes no sentido de minimizar as consequências do sofrimento e não sobrecarregar com culpa fora de lugar e de propósito as pessoas que passam por essas fases.

Conclusão

As frustrações decorrentes de sonhos interrompidos na área da conjugalidade podem abalar a pessoa adulta não casada, inclusive em sua vida de fé, redundando em sofrimento. Porém, esta pessoa e esta fé poderão ser restauradas num trabalho de proximidade sem reservas, no trato pessoal por parte de irmãos e irmãs que corporificam o cuidado de Deus.

Se a fé se consuma em atitudes, também a igreja deveria rever sua teologia de cuidado e aconselhamento espiritual em prol da pessoa adulta não casada, pois maioria dos textos bíblicos é apresentada como um testemunho da valorização da vida.

A pessoa adulta não casada precisa ser aceita e compreendida para poder vencer as pressões da vida. A exemplo de Jó, é necessário que se permita passar naturalmente pelas etapas do luto para não paralisar em períodos de crises. E, nessas etapas, receber acolhida num ambiente seguro e fraterno onde a pessoa possa ser ela mesma e possa encontrar a reorientação de sua vida e de sua fé. Só assim conseguirá vencer as pressões.

REFERÊNCIAS

AMADOR, Xavier; KIERSKY Judith. **Ser solteiro (a) num mundo de casados**. São Paulo: Gente, 2003.

AUGUST, Hartmut. **Potencial Invisível na Igreja: 8 Marcas de uma comunidade acolhedora para pessoas adultas sem cônjuge**. Curitiba: Esperança, 2013.

_____ ; AUGUST Mariluce E. M. **Monografia Jovens Adultos – Potencial Invisível na Igreja**. Conteúdo não Publicado, 2009.

AUGUST, Mariluce E. M. **Dilemas do Estado Civil – Compreendendo pessoas solteiras**. Curitiba: Esperança, 2013.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**, Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão – edição século 21**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. **A produção da (In) visibilidade da Pessoa Portadora de Deficiência Mental - Cartografia de uma Comunidade Batista**. 162 p. (Dissertação de Mestrado em Teologia, EST, São Leopoldo, 2001).

_____. **Retribuição, prosperidade e graça: teologias em um mundo de sofrimento**. São Leopoldo: Cebi, 2013.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. In: Edição *Standard* Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

LUFT Lia. Separação, o drama de Todos. **Revista Veja**. São Paulo, n. 2170, p. 26, jun. 2010.

PARAIZO, Marcos Kopeska. **Superando a dor do luto: Quando vai passar?** Curitiba: A.D. Santos, 2009.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

ROSSI, Luiz A. S. **Jesus vai ao Mc Donald's: Teologia e sociedade de consumo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

DEPOIS DO ADEUS – MANEIRAS DE TRATAR PESSOAS QUE ENVIÚVAM OU DIVORCIAM, A PARTIR DA TEORIA DO APEGO

Hartmut August (PUC-PR)⁴

Mary Rute Gomes Esperandio (PUC-PR)⁵

Resumo português:

A Teoria do Apego oferece uma ampla base conceitual sobre a formação, manutenção e modificação dos vínculos afetivos. Nesta comunicação, serão apresentados os principais conceitos da Teoria do Apego, de acordo com os estudos de John Bowlby e outros pesquisadores. Será tratada também a proposição de considerar o relacionamento que muitos fiéis mantêm com Deus como sendo uma relação de apego. Finalmente, será avaliada a relevância de considerar os princípios da Teoria do Apego no apoio a pessoas que perdem seu cônjuge, seja por morte ou separação.

Palavras-Chaves: Teoria do Apego. Apego com Deus. Viuvez. Divórcio.

Resumo inglês:

The Attachment Theory offers a broad conceptual basis on formation, maintenance and modification of affective bonds. In this communication, the main concepts of the Attachment Theory will be presented, according to the studies of John Bowlby and other researchers. It will also be treated the proposition to consider the relationship that many believers have with God as an attachment relationship. Finally, it will be assessed the relevance of considering the principles of Attachment Theory to support people who lose their spouse, either through death or separation.

Keywords: Attachment Theory. Attachment with God. Widowhood. Divorce.

⁴ Mestre em Teologia. Doutorando em Teologia pela PUC-PR. hart@ausland.com.br

⁵ Psicóloga (CRP 08/13082). Doutora em Teologia. Professora no Programa de Doutorado em Teologia da PUC-PR. mresperandio@gmail.com

Introdução

No atual cenário pós-industrial, a família “tem uma marca de maior liberdade, pelo questionamento das tradições e pela flexibilidade em cumprir as regras e as normas” (PORRECA, 2010, p. 31). Assim, as pessoas já não permanecem mais casadas por pressão da sociedade ou por dependência financeira de um dos cônjuges. Além dessas transformações sociais ocorridas nos últimos anos, houve também mudanças jurídicas no Brasil, como a lei do divórcio, que simplificaram os passos para a dissolução do casamento. Diferente do que foi no passado, “as pessoas hoje em dia só se mantêm casadas por opção” (ALECRIM e CARDOSO, 2011). Com isso, surgiu um ambiente favorável a um aumento significativo de separações e divórcios, a ponto de o Censo Demográfico 2010 identificar que seis por cento da população acima de vinte e cinco anos está separada ou divorciada (IBGE, 2010).

Por outro lado, ainda de acordo com o Censo Demográfico 2010, sete por cento das pessoas com vinte e cinco anos ou mais estão viúvas (IBGE, 2010). Esse significativo contingente de pessoas, ao mesmo tempo em que sofre pela perda do cônjuge, precisa aprender a lidar com seu novo estado civil.

Como é de se esperar, essa mudança no perfil da população brasileira também se reflete na configuração das igrejas cristãs. Assim, estamos em uma época na qual é grande o número de pessoas que passam pelo processo de perda do cônjuge no âmbito das igrejas, seja por morte ou por separação e divórcio. Portanto, está-se falando de um público enorme que necessita ser pastoreado, fazendo emergir a pergunta sobre como as igrejas estão olhando para esse grupo de pessoas. Considerando seu papel de portadores da graça divina, cabe às igrejas desenvolver maneiras sadias e eficazes de apoiar as pessoas que perdem seu cônjuge, seja por morte, seja por separação e divórcio.

Em meados do século passado, um pesquisador chamado John Bowlby (1907-1990), psicólogo, psiquiatra e psicanalista britânico, notabilizou-se por seu interesse no desenvolvimento da criança. Seus estudos vieram a constituir a base da Teoria do Apego, na medida em que “proporciona uma forma de conceituarmos a tendência do ser humano criar fortes laços afetivos com os outros, e para compreendermos a forte reação emocional ocasionada por ameaça ou rompimento desses vínculos.”

(WORDEN, 2013, p. 1). Após os estudos iniciados por Bowlby, diversos outros pesquisadores alargaram o campo de pesquisa, aplicando os fundamentos da Teoria do Apego aos relacionamentos entre adultos e entre adultos e Deus.

Em seu mestrado, o autor conduziu sua pesquisa junto às Igrejas Evangélicas Menonitas de Curitiba, para compreender a realidade das pessoas adultas sem cônjuge nessas igrejas. Os objetivos dessa pesquisa (AUGUST, H., 2012) consistiam em identificar características das igrejas que interferem no acolhimento de pessoas adultas sem cônjuge como pessoas integradas e ativas na sua comunidade de fé. Também tinha como propósito propor ações ou atitudes que a igreja pode empreender para favorecer o acolhimento e a integração dessas pessoas. O conteúdo dessa dissertação está publicado no livro *Potencial Invisível na Igreja – oito marcas de uma igreja acolhedora para pessoas adultas sem cônjuge* (AUGUST, H., 2013).

Essa pesquisa identificou que “as igrejas que desejam acolher e integrar pessoas adultas sem cônjuge em sua comunidade de fé investem na capacitação de pessoas para atuarem junto a esse público.” (AUGUST, H., 2013, p. 81). Portanto, a igreja que reconhece que as necessidades das pessoas adultas sem cônjuge precisam ser atendidas de forma diferenciada, irão capacitar líderes e apoiadores para a realização desse ministério.

Considerando que ainda há muito a pesquisar na área do acolhimento às pessoas adultas sem cônjuge no âmbito das comunidades de fé, o propósito desta comunicação é refletir sobre a importância de pesquisar as maneiras como uma igreja pode apoiar uma pessoa que perde seu cônjuge por morte ou separação, a partir dos fundamentos da Teoria do Apego, aplicáveis nas relações humanas e no relacionamento com Deus.

1. Apego – Conceitos

De acordo com Bowlby, parte-se do pressuposto de que é na tenra idade que se molda o comportamento do ser humano, deduzindo, a partir do comportamento observado, de que maneira as pessoas adultas tenderão a se comportar.

Essa abordagem parte do princípio de que “a realidade é interpretada e construída de distintas formas. [...] Seus critérios implicam na existência de um mundo que se

edifica a partir das nossas experiências e onde, nesta interação, construímos uma diversidade de significados e de verdades pessoais.” (ABREU, 2005, p. 12). Assim, a partir desse processo contínuo de construção da experiência pessoal, nossa história passada vai deixando marcas ao longo do tempo, que geram consequências e resultam em padrões e estilos de significado pessoal. (ABREU, 2005, p. 14). Por essa razão, na Teoria do Apego dá-se atenção especial à maneira como as crianças reagem ao distanciamento e posterior reaproximação da mãe ou do/a cuidador/a. Assim,

os padrões de relacionamento com os cuidadores ou os ‘modelos de apego’ desenvolvidos em nossa história (por intermédio de nossos relacionamentos) são integrados em nossa estrutura de personalidade na forma de modelos internos e gerais de funcionamento que determinarão as características de nosso *self* frente às situações de vida. (ABREU, 2005, p. 15).

A partir dos seus estudos, Bowlby conclui que “nenhuma forma de comportamento é acompanhada por sentimento mais forte do que o comportamento de apego. As figuras para as quais ele é dirigido são amadas, e a chegada delas é saudada com alegria.” (BOWLBY, 2002, p. 259). Dessa forma, o apego gerado “é a criação de um vínculo afetivo duradouro em relação a um outro diferenciado e preferido” (ABREU, 2005, p. 37).

Estudos conduzidos por Mary Ainsworth (1913-1999) destacaram cinco características para identificar um relacionamento de apego: (1) a pessoa apegada procura proximidade com o cuidador, particularmente quando está assustada ou alarmada; (2) o cuidador proporciona cuidado e proteção, na função de porto seguro; (3) o cuidador proporciona uma sensação de segurança, na função de base segura; (4) a ameaça de separação causa ansiedade na pessoa apegada; (5) a perda da figura de apego causa luto na pessoa apegada (KIRKPATRICK, 2005, p. 56).

Portanto, para que um relacionamento seja considerado de apego, o mesmo deve apresentar todas as cinco características citadas.

Padrões de apego

Diversos estudos, iniciados por Ainsworth em 1978 e por outros estudiosos mais tarde, procuraram identificar os diferentes estilos de apego, “ou maneiras como as pessoas percebem e reagem à intimidade em relacionamentos” (LEVINE e HELLER,

2013, p. 18). Os estilos⁶ mais comumente aceitos pelos pesquisadores apresentam as seguintes características:

Apego Seguro

Para crianças enquadradas no estilo de apego seguro, a mãe é uma base segura para a exploração do ambiente. As crianças que se comportam de acordo com esse padrão buscam ativamente o contato e a interação com a mãe após um período de separação, mostrando-se satisfeitas por rever a mãe. (BOWLBY, 2002, p. 419).

Neste estilo de relacionamento, a criança “está confiante de que, caso ela se depare com alguma situação adversa ou amedrontadora, seus pais sempre estarão disponíveis para auxiliá-la de forma amável e afetiva.” (ABREU, 2005, p. 60). Esse auxílio desenvolve no indivíduo a segurança necessária para enfrentar possíveis situações difíceis que o mundo possa lhe apresentar.

Apego Ansioso

Crianças que se comportam de acordo com esse estilo de apego demonstram “uma oscilação de comportamentos entre a busca de proximidade e a relutância ao contato materno e/ou interação com a mãe.” (ABREU, 2005, p. 60). Quando os pais se relacionam com o filho de maneira não previsível, a criança torna-se insegura, pois não sabe se e quando receberá algum tipo de ajuda dos pais, caso venha a requerê-la. “Este padrão interativo normalmente é marcado pelo conflito com pais que se mostram disponíveis e prestativos em algumas ocasiões e, em outras, não apresentam tal receptividade.” (ABREU, 2005, p. 59).

Crianças com padrão de apego ansioso apresentam tanto sinais de insegurança, com tristeza e medo, como de intimidade, alternando frequentemente com hostilidade. “Conseqüentemente, essas crianças ainda esperam obter amor e cuidados, ao mesmo tempo em que se sentem angustiadas com a possibilidade de serem esquecidas ou abandonadas.” (ABREU, 2005, p. 60). Esse comportamento ambíguo decorre de uma rejeição parcial e intermitente dos pais.

⁶ Cada autor utiliza designações um pouco diferentes para cada tipo. Neste trabalho, foi adotada a designação utilizada por Levine e Heller (2013, p. 18), por ser mais concisa.

Apego Evitante

As crianças que se comportaram de acordo com este estilo de apego tratam “muito mais amigavelmente um estranho do que a própria mãe, não sendo rara a demonstração de comportamentos antissociais (hostis) e, paradoxalmente, buscando excessivamente atenção.” (ABREU, 2005, p. 59). Com isso, a criança desenvolve um comportamento exploratório pobre, pois tem dificuldade em se isolar para explorar o ambiente, visto que necessita de contato continuado.

Frequentemente, os pais de crianças com padrão de apego evitante ameaçam os filhos com abandono, “como forma de coerção e meio de controle de seus comportamentos”. (ABREU, 2005, p. 59). Visto que a criança compreende que os pais não estarão disponíveis quando ela precisar, essa criança apresenta dificuldade de estabelecer contato após o período de separação, demonstrando a existência simultânea de procura e resistência ao contato.

Apego Ansioso-Evitante

Embora menos frequente, crianças que se enquadram no padrão de apego ansioso-evitante “costumam apresentar comportamentos inconsistentes e contraditórios. Por exemplo, podem receber a mãe alegremente quando ela regressa, mas depois, se distanciam ou se aproximam dela sem olhá-la, parecendo estar confusos e temerosos.” (GOMES e MELCHIORI, 2012, p. 28). Esse padrão de apego pode se desenvolver em crianças cujas mães não tenham uma sensibilidade adequada ao desenvolvimento de uma relação saudável com a criança, inclusive submetendo a criança a maus tratos.

Considerando que a manutenção dos estilos de comportamento das pessoas é favorecida pelas interações praticadas entre os familiares, uma criança segura tenderá a ser mais cooperativa na interação com outras crianças, exigindo menos atenção dos pais. Esse comportamento favorecerá uma relação menos tensa entre os pais e a criança. Já uma criança ansiosa terá a tendência de ser mais resmungona e agarrada aos pais ao passo que a criança evitante se manterá distante e implicante (ABREU, 2005, p. 65). Dessa maneira, as interações ansiosas e evitantes das crianças irão induzir uma resposta desfavorável da parte dos pais ou dos estranhos, alimentando um

ciclo perpétuo de ação e reação e “concretizando um vigoroso processo de reprodução dos moldes anteriores.” (ABREU, 2005, p. 66).

Contudo, à medida que a criança se desenvolve, seu comportamento de apego passa a ser menos frequente e menos intensamente ativado. Além disso, outra mudança que ocorre com o passar da idade é que o comportamento de apego “passa a ser finalizado por uma faixa cada vez mais ampla de condições, algumas das quais são puramente simbólicas.” (BOWLBY, 2002, p. 324). Assim, fotografias, mensagens virtuais e telefonemas podem tornar-se uma maneira relativamente eficaz de manter contato com a figura de apego.

2. Continuação do apego na vida adulta

A pessoa chega à idade adulta com grande propensão a manter o mesmo estilo de comportamento identificado quando era criança, pois “o comportamento de apego na vida adulta é uma continuação direta do comportamento na infância” (BOWLBY, 2002, p. 257).

Cabe destacar que uma característica que diferencia o apego na vida adulta é a reciprocidade. Ao contrário da relação de apego entre uma criança e sua mãe, onde somente a mãe assume o papel de cuidadora, nas relações de apego entre adultos normalmente cada parceiro assumirá a função tanto de prestador como de destinatário dos cuidados. Outra diferença importante observada nas relações de apego entre adultos “é quanto ao contato físico que traduz uma exigência da criança para sentir-se segura, enquanto que um adulto sente-se confortável só em saber que uma figura de apego poderá ser contatada se preciso for”. (MANTELLI e PINHEIRO, 2011, p. 23).

A capacidade de firmar laços emocionais significativos com outras pessoas é uma das marcas de uma personalidade emocionalmente saudável. Assim, mesmo “pessoas solteiras adultas querem sentir-se amadas pelas pessoas importantes em suas vidas e querem acreditar que alguém precisa de seu amor.” (AUGUST, M., 2013, p. 166).

Desse modo, adultos

que cresceram ao lado de pessoas afetivas que sempre forneceram apoio e proteção, provavelmente, acharão difícil conceber mundos diferentes do seu. Isso lhes dará a sensação quase inconsciente de que, ao enfrentarem dificuldades, não importando quando nem onde, sempre existirão figuras honestas e prontas a proporcionar-lhes auxílio. (ABREU, 2005, p. 70).

Essa atitude de confiança no outro cria condições favoráveis para que a pessoa que na infância apresentou um comportamento de apego seguro desenvolva relações seguras com outras pessoas na fase adulta.

Por outro lado, pessoas que na infância desenvolveram relações de apego inseguras terão dificuldade em aceitar a ideia de que existam pessoas dignas de confiança ou aptas a prover apoio em momentos de necessidade. Esses adultos “dificilmente conseguirão vincular-se a alguém e, se assim o fizerem, desconsiderarão a possibilidade de tal laço poder imputar qualquer aspecto de infalibilidade e segurança.” (ABREU, 2005, p. 70).

Esse itinerário principal que a pessoa segue desde sua infância tenderá a se manter estável. Porém, “certas oportunidades encontradas no caminho oferecem-nos algumas possibilidades de alteração da rota principal, principalmente quando esta foi marcada por solidão e distanciamento humano.” (ABREU, 2005, p. 89). Dessa forma, a convivência com pessoas de comportamento seguro e a experiência de relacionamentos estáveis são ocasiões nas quais nossa ‘rota interna pessoal’ pode ser revista, permitindo o desenvolvimento de um comportamento mais seguro. “Seremos, então, em nossa vida adulta o resultado das situações (e por que não dizer interações) com as quais nossa personalidade deparou-se ao longo de toda uma vida.” (ABREU, 2005, p. 90). De modo que, mantendo o comportamento adquirido na infância ou alterando-o ao longo da jornada da vida, continuaremos sendo a soma das nossas experiências passadas e de como lidamos com as circunstâncias que a vida nos apresentou.

3. Deus como figura de apego

Durante a última década, diversos estudos vêm sendo publicados sobre a relação entre o histórico de apego percebido entre a pessoa e seus pais e entre essa pessoa e sua religiosidade. Um dos pioneiros desse novo campo de pesquisa é Lee A. Kirkpatrick, PhD, psicólogo, professor e autor de diversos livros e artigos sobre psicologia da religião. Em seus estudos, Kirkpatrick, em conjunto com outros pesquisadores, busca alcançar uma integração conceitual da teoria do apego com a psicologia da religião. (KIRKPATRICK, 2005, p. 18ss), pois as “pessoas podem reproduzir na relação com Deus o mesmo tipo de apego humano, [...] o que permite a internalização de um Deus

que traz conforto ou segurança última em meio à dor e perda.” (ESPERANDIO, 2014, p. 5).

Ferm (1945) já destaca que a própria palavra religião vem de religar, conectar, caracterizando, portanto um relacionamento com Deus ou Jesus (KIRKPATRICK, 2005, p. 54). Dessa forma, Kirkpatrick entende que, “para muitas pessoas em muitas religiões, este sistema de apego está fundamentalmente envolvido em seus pensamentos, crenças e raciocínios sobre Deus e seu relacionamento com Deus.” (2005, p. 56). Por essa razão, a aplicação dos conceitos de apego pode contribuir na compreensão das maneiras pelas quais as pessoas se relacionam com o sagrado, em especial quando passam por situações de perda e luto.

Buscando a proximidade com Deus

Como já foi explanado anteriormente, uma das funções do sistema de apego é manter a proximidade entre uma pessoa e sua figura de apego. Embora não seja possível estarmos fisicamente próximos a Deus, a Bíblia está repleta de textos que se referem a um Deus onipresente. Nesse sentido, o salmista exclama: “Para onde poderia eu escapar do teu Espírito? Para onde poderia fugir da tua presença?” (Salmo 139.7⁷). Nessa e em muitas outras passagens⁸, vemos a descrição de um Deus que está sempre ao nosso lado, segurando nossa mão, nos observando e cuidando.

Afora a compreensão de que Deus está em todos os lugares, portanto ao alcance do ser humano, as religiões se utilizam de muitas outras maneiras para manter o senso de proximidade do divino. Assim, cada tradição religiosa tem seus próprios lugares, imagens, ícones e outras representações materiais que servem como lembretes concretos da presença do divino. De acordo com Kirkpatrick, muito mais do que os lugares e representações materiais, é na oração que se revela a busca do ser humano por proximidade com Deus. (2005, p. 59).

Deus como base segura

⁷ As citações bíblicas contidas no texto foram extraídas da Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional (2003).

⁸ Por exemplo, Deuteronômio 4.39, Salmo 16.8, Salmo 34.18, Salmo 145.18, Provérbios 15.3, Isaías 66.1, Jeremias 23.23-24 e Atos 17.27.

Como já explanado anteriormente, a figura de apego agindo como base segura proporciona a segurança necessária que permitirá que a pessoa explore o ambiente ao seu alcance. Considerando o conceito da onipresença de Deus, podemos compreender em que medida Deus funciona como a mais segura de todas as bases. Pois onde quer que estejamos, Deus sempre estará conosco, nos guiando e protegendo. Inúmeros textos bíblicos reafirmam a compreensão de um Deus que proporciona segurança e que nos permite ampliar nossos horizontes. Salmo 56.10-11: “Confio em Deus, cuja palavra louvo, no Senhor, cuja palavra louvo, nesse Deus eu confio, e não temerei. Que poderá fazer-me o homem?” Salmo 63.7-8: “Porque és a minha ajuda, canto de alegria à sombra das tuas asas. A minha alma apega-se a ti; a tua mão direita me sustém.”

Deus como porto seguro

Outra função do sistema de apego, de acordo com Bowlby, é a figura de apego servindo como um refúgio de segurança em tempos de perigo ou ameaça. Bowlby descreve três situações que ativam os comportamentos de apego: (1) eventos ambientais assustadores ou alarmantes, gerando estímulos que evocam medo e angústia; (2) doença, lesão ou fadiga; e (3) separação ou ameaça de separação da figura de apego. (KIRKPATRICK, 2005, p. 61). De acordo com Ainsworth, a separação da figura de apego provoca dor, ao passo que a ameaça de separação provoca ansiedade na pessoa apegada (KIRKPATRICK, 2005, p. 71).

Na hipótese de Deus funcionar como uma figura de apego para as pessoas, diante de circunstâncias como as descritas anteriormente, seria de esperar que as pessoas que creem em Deus busquem a Deus mais intensamente. De fato, inúmeras pesquisas sugerem que pessoas, ao menos na cultura cristã ocidental, buscam suporte e conforto em Deus em situações de perigo ou ameaça. (KIRKPATRICK, 2005, p. 61).

O texto a seguir descreve de maneira linda como Deus se apresenta sendo porto seguro para aqueles que Nele confiam:

Porque ele me ama, eu o resgatarei; eu o protegerei, pois conhece o meu nome. Ele clamará a mim, e eu lhe darei resposta, e na adversidade estarei com ele; vou livrá-lo e cobri-lo de honra. Vida longa eu lhe darei, e lhe mostrarei a minha salvação. (Salmo 91.14-16).

Muitos outros textos bíblicos, em especial nos Salmos, descrevem Deus como sendo o refúgio perfeito em tempos de dificuldade. Salmo 55.16: “Eu, porém, clamo a Deus, e o Senhor me salvará.” Salmo 55.22: “Entregue suas preocupações ao Senhor, e ele o susterá; jamais permitirá que o justo venha a cair.” Salmo 56.3: “Mas eu, quando estiver com medo, confiarei em ti.”⁹

Separação e Perda

Por causa da onipresença percebida de Deus, é difícil enquadrar a hipótese da separação e perda em nosso relacionamento com Deus. Um crente não perde um relacionamento com Deus, como ele ou ela perde um relacionamento humano, pois Deus não morre, não se afasta ou pede divórcio. (KIRKPATRICK, 2005, p. 71). Por outro lado, há situações onde a pessoa se sente abandonada por Deus, em especial quando essa percepção ocorre em momentos quando a pessoa mais precisa da intervenção divina. Para muitos fiéis, esse sentimento de abandono ou ameaça de abandono de Deus causa angústia e dor.

Portanto, para muitos fiéis o seu relacionamento com Deus preenche as cinco características de uma relação de apego, de modo que Deus pode ser compreendido como uma figura de apego absolutamente adequada. (KIRKPATRICK, 2005, p. 71).

4. Maneiras de apoiar pessoas que enviúvam ou divorciam

A maneira como cada pessoa lida com suas perdas varia. Assim, a perda do cônjuge, seja por morte ou separação, será enfrentada de modos diferentes pelas pessoas, influenciados por uma série de fatores, tais como circunstâncias da perda, a previsibilidade da perda, a idade do ex-cônjuge, duração do período de sofrimento que antecedeu a perda, tradições culturais da pessoa enlutada (COLLINS, 2004, p. 410-413).

Depois do adeus do cônjuge, o modo como a pessoa reage à perda do cônjuge também será influenciado pelo estilo de apego que a pessoa enlutada havia estabelecido com o ex-cônjuge. Em outras palavras, “a intensidade do luto é determinada pela intensidade do amor.” (PARKES, 1998, p. 146). Pois “quanto mais

⁹ Ver também Salmo 61.1-3, Salmo 69.13 e Salmo 85.9.

próxima é a relação entre a pessoa enlutada e o falecido, maior é a intensidade do luto.” (COLLINS, 2004, p. 411). Neste sentido, “Os apegos saudáveis, quando rompidos, conduzem a sentimentos de pesar. Os apegos menos saudáveis resultam em sentimentos de raiva e culpa, quando o vínculo se desfaz pela morte” (WORDEN, 2013, p. 45).

Considerando que a perda do cônjuge, seja mediante uma separação indesejada ou a morte, se configura num evento crítico na vida da pessoa, é compreensível que nesse processo a pessoa recorra a Deus como seu refúgio em meio à tempestade. De igual forma, a perda do cônjuge pode desencadear “períodos de dúvida, confusão e até raiva em relação a Deus” (COLLINS, 2004, p. 411), influenciados pela maneira da pessoa enlutada se relacionar com Deus.

Conclusão

A Teoria do Apego oferece uma ampla base conceitual sobre a formação, manutenção e modificação dos vínculos afetivos, oferecendo assim um vasto campo de pesquisa a ser explorado por teólogos, psicólogos e sociólogos.

Ao longo desta comunicação, foram apresentados os principais conceitos da Teoria do Apego. Esses vínculos emocionais tenderão a permanecer estáveis também na fase adulta, quando o indivíduo, agora amadurecido, buscará outras figuras de apego para se vincular emocionalmente, tais como seu cônjuge, familiares ou amigos.

Também foi apresentada a proposição de compreender a relação das pessoas com Deus sob a ótica do apego. Para muitos fiéis, seu relacionamento com Deus é caracterizado por uma busca por proximidade com Deus e pela compreensão de um Deus que proporciona refúgio em tempos de turbulência, sofrimento e dor (porto seguro) e segurança para enfrentar os desafios que a vida apresenta (base segura). Da mesma forma, a percepção de afastamento de Deus causa angústia e dor. Portanto, para muitos fiéis sua relação com Deus preenche as características de uma relação de apego.

A perda do cônjuge, seja por morte ou separação, caracteriza-se muitas vezes pela perda da figura de apego. Por essa razão, as maneiras de apoiar pessoas que perdem

seu cônjuge devem levar em consideração o estilo de apego que havia se estabelecido entre a pessoa enlutada e o cônjuge ausente. Por outro lado, é compreensível que a perda do cônjuge possa afetar a relação do fiel com Deus, levando o fiel a buscar maior intimidade com Deus ou a questionar sua fé.

Nesse contexto, serão úteis pesquisas que analisem de que maneira as pessoas que perdem seu cônjuge estavam apegadas ao ex-cônjuge. Outras investigações poderiam avaliar o tipo de apego com Deus que as pessoas que perderam seu cônjuge haviam estabelecido e de que modo esse estilo de apego contribui ou dificulta no processo de elaboração da perda e da reconstrução da vida.

Além disso, serão muito úteis trabalhos que demonstrem de que maneira cuidadores espirituais podem utilizar-se do ferramental proporcionado pela Teoria do Apego para agir mais eficazmente no apoio aos enlutados pela perda do cônjuge. Ajudando pessoas a compreenderem seu estilo de apego ao ex-cônjuge e seu estilo de apego a Deus, os cuidadores podem oferecer consistência no cuidado, proporcionando ao enlutado um caminho seguro para enfrentar os desafios da nova etapa de vida, depois do adeus do cônjuge.

REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano Nabuco de, *Teoria do Apego – Fundamentos, Pesquisas e Implicações Clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

ALECRIM, Michel; CARDOSO, Rodrigo. *Casamento sob Medida*. In: Revista Istoé, n. 2175, 20/07/2011. São Paulo: Editora Três, 2011.

AUGUST, Hartmut. *Pessoas Adultas sem Cônjuge – Características das Igrejas Menonitas de Curitiba que Favorecem seu Acolhimento e Integração*. Dissertação de Mestrado em Teologia, PUCPR, Curitiba, 2012. Não publicado.

AUGUST, Hartmut. *Potencial Invisível na Igreja – 8 marcas de uma comunidade acolhedora para pessoas adultas sem cônjuge*. Curitiba: Esperança, 2013.

AUGUST, Mariluce E. M. *Dilemas do Estado Civil*. Curitiba: Esperança, 2013.

Bíblia. Português. *Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional*. São Paulo: Vida, 2003.

BOWLBY, John. *Apego e Perda: Apego*. V. 1 da trilogia. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BOWLBY, John. *Apego e Perda: Perda: Tristeza e Depressão*. V. 3 da trilogia. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

BOWLBY, John. *Apego e Perda: Separação: Angústia e Raiva*. V. 2 da trilogia. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Cristão – Edição Século 21*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

ESPERANDIO, Mary R. G. *Um lugar para o luto: Morte, Oração e Coping religioso-espiritual*. 2014. Não publicado.

FERM, V. *The encyclopedia of religion*. Secaucus, NJ: Poplar, 1945.

GOMES, Adriana de Albuquerque; MELCHIORI, Lígia Ebner. *A Teoria do Apego no Contexto da Produção Científica Contemporânea*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/nupcialidade_fecundidade_migracao/nupcialidade_fecundidade_migracao_tab_xls.shtm. Acesso em: 04/01/2014.

KIRKPATRICK, Lee A. *Attachment, Evolution, and the Psychology of Religion*. New York: Guilford Press, 2005.

LEVINE, Amir; HELLER, Rachel S. F. *Apegados*. Ribeirão Preto: Novo Conceito, 2013.

MANTELLI, Fernanda L.; PINHEIRO, Maria Cristina S. M. *Apego nas Relações Íntimas entre Adultos: Uma Visão Teórica*. Trabalho de Conclusão de Curso Especialização em Psicologia Conjugal e Familiar. Salvador: Faculdade Ruy Barbosa, 2011.

PARKES, Colin M. *Luto*. Estudos sobre a perda na vida adulta. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.

PORRECA, Wladimir. *Famílias em Segunda União*. São Paulo: Paulinas, 2010.

WORDEN, J. William. *Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto*. Um Manual para Profissionais da Saúde Mental. São Paulo: Rocca, 2013.